

Inclusão muda perfil de curso da USP

Renata Cafardo e Simone Iwasso

Medicina tem recorde de egressos da rede pública; nenhum aluno dos 3 melhores colégios privados obteve vaga

Os três melhores colégios particulares do Estado Vértice, Bandeirantes e Móbile não tiveram um só aluno entre os aprovados para o curso de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) neste ano. Ao mesmo tempo, o número de estudantes de escolas públicas convocados para o curso foi o recorde das últimas décadas na USP Pinheiros chegou a 37,7% do total de aprovados. A Medicina tem os candidatos com as notas mais altas e é um dos cursos mais disputados da Fuvest.

Para os diretores dos colégios, o programa de inclusão da USP, o Inlusp, seria uma das razões para o resultado deste ano. Por meio dele, jovens da rede pública recebem até 12% de pontos a mais no vestibular. As três escolas aparecem desde 2006 no topo do ranking do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), único medidor oficial do desempenho de estudantes de escolas privadas do País. Seus alunos chegam a acertar mais de 80% da prova. O quarto no ranking é o Colégio Santa Cruz, que aprovou um aluno na Medicina.

Os números foram passados pelos próprios colégios para o Estado. A USP tem pesquisas semelhantes, mas não divulga. Os dados consideram apenas alunos que terminaram o ensino médio em 2008 e não os que fizeram meses ou anos de cursinhos depois de formados nessas escolas.

O curso de Medicina na capital, um dos melhores do País, tem 175 vagas. Neste ano, 66 delas (ou 37,7%) foram ocupadas por alunos de escolas públicas (estadual, municipal ou federal). Em 2008, eram 9,7%. "Os alunos que entraram em anos anteriores pelo Inlusp tiveram o mesmo desempenho que os outros. Nossa preocupação é oferecer condições para que eles concluam o curso", diz o presidente da comissão de graduação da Faculdade de Medicina, Milton Arruda Martins. Segundo ele, deve haver aumento no número de bolsas, de R\$ 400.

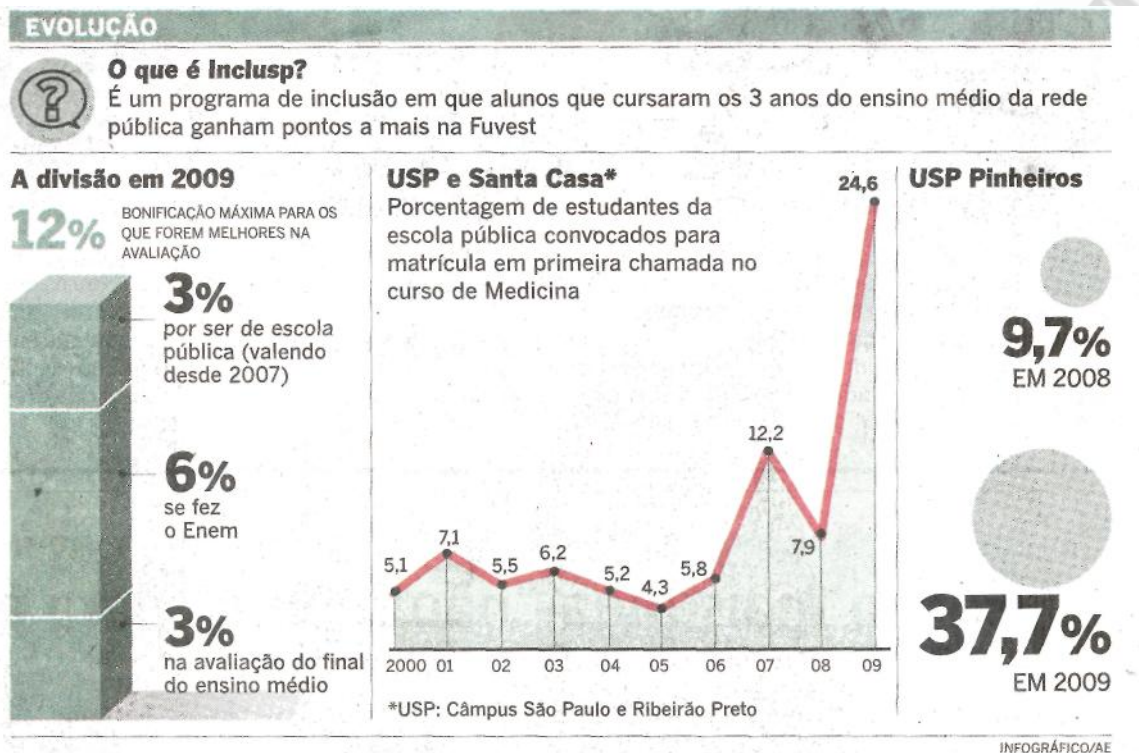
Na primeira fase da Fuvest, a média dos convocados em Medicina foi de 80 acertos (em 90 questões). A USP não mais divulga a nota final dos que foram aprovados, posição que é criticada por alguns donos de colégios. Cada vestibulando recebe apenas seu desempenho em casa.

A média geral de aumento da proporção de alunos da rede pública na USP foi de 15% neste ano. Um dos grandes saltos, no entanto, ocorreu justamente em Medicina (câmpus da capital, conhecido como Pinheiros), em que o crescimento foi de 288%. Uma das explicações é de que o curso é muito concorrido e com candidatos bem preparados, então uma diferença de centésimos na nota acaba decidindo quem é aprovado ou não. Por isso, o bônus poderia ter feito diferença para alguns. Até o ano passado, ele era de 3% e, em 2009, foi para 12%.

Alunos com 800 pontos (em mil), por exemplo, poderiam chegar neste ano a quase 900 com a bonificação. No entanto, segundo dados da USP, apenas 7,4% do grupo da rede pública precisou do bônus para ser aprovado na Medicina; o restante entraria com a nota que já tinha. "Tenho aluno que fez 860 pontos (em mil) e não entrou. O processo precisa ser transparente, a sociedade tem o direito de saber qual a nota necessária para ser aprovado na Medicina hoje", diz o diretor do Bandeirantes, Mauro Aguiar. Desde 1970, a escola não deixava de aprovar alunos na Medicina da USP. A média recente era de cerca de dez por ano. No fim de 2008, 92 alunos do 3º ano do ensino médio do colégio fizeram vestibular para o curso.

Vértice e Móbile são escolas menores. Cada uma delas costumava aprovar, todo ano, um ou dois alunos no curso. "Claro que eu preferiria que o bônus não existisse, mas também o mundo não está desabando por causa disso", diz um dos diretores do Vértice, Adilson Garcia. O colégio é o primeiro do ranking do Enem na capital. "O lado bom é que há uma divisão do bolo, mais escolas privadas estão com excelente nível e aprovam seus alunos."

"Há escolas federais que são tão boas quanto as particulares, e alunos da rede pública que fizeram anos de cursinhos e também recebem o bônus", completa a diretora do Móbile, Maria Helena Bresser. Apesar de considerar o Inclusp o mais "justo dos programas de inclusão", ela diz se preocupar com sistemas que não consideram apenas o mérito. "Tenho medo de que as escolas públicas se acomodem." Para Aguiar, depois de estudarem em cursinho, os alunos de escolas públicas passam a concorrer em igual condição com os que saem das particulares. Só 8% dos que prestaram Medicina na Fuvest não fizeram curso pré-vestibular. As três escolas cobram mensalidades entre R\$ 1,5 mil e R\$ 2 mil. Pais inconformados chegaram a questionar os colégios sobre as razões da não aprovação dos filhos.



Fonte: O Estado de S.Paulo, São Paulo, 13 mar.2009, Primeiro Caderno, p. A18-A19.